

A L M A N A Q U E D E

SUMÉ

Lenda e história de um povo caririzeiro





Prefeitura Municipal de Sumé

Francisco Duarte da Silva Neto

Prefeito

Eden Duarte Pinto de Sousa

Vice-Prefeito

Betânia Macêdo da Silva Brito

Secretária Municipal de Educação

Escola Agrotécnica de Ensino Fundamental Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz

Maria de Fátima Silva

Diretora

Aldinéia Alves de Oliveira

Renata Cristine Santos Ribeiro Macêdo

Coordenadoras pedagógicas

Zito Nunes de Siqueira Júnior

Ilustrações

Daniel Queiroz do Carmo

Projeto gráfico

Este “Almanaque de Sumé, lenda e história de um povo caririzeiro”, é fruto dos esforços de (ex-) professores e (ex-) alunos da E.A.E.F. Dep. Evaldo Gonçalves de Queiroz. A todos eles nosso muito obrigado.

Sumé - 2011

UFSC / BIBLIOTECA

DOAÇÃO

DATA DE AQUISIÇÃO



BIBLIOTECA

SUMÁRIO

Sumário	02
Apresentação	03
Introdução	04
Sumé em verso	05
Lenda de Sumé	07
História	11
Geografia	13
Aspectos demográficos	16
Cultura	18
Origem de algumas comunidades rurais	25

APRESENTAÇÃO

“Todas as cidades, sejam elas grandes ou pequenas, centros ou bairros históricos e seu entorno natural ou construído estão na condição de documento histórico, pois são expressões materiais da diversidade das sociedades ao longo do tempo” (CARTA DE WASHINGTON – UNESCO – 1986).

Toda comunidade possui identidade própria, referenciais que a tornam diferente, única: tradições, histórias, costumes, valores, cultura. Esses referenciais criam laços com os antepassados, com o local, com os hábitos. Para os habitantes do lugar são as características que os diferenciam de uma comunidade para outra; é seu ethos, sua identidade.

Para que as gerações futuras conheçam e possuam interesse pelo seu patrimônio e consigam viajar no tempo em uma época diferente, é preciso não somente manter, mas, sobretudo resgatar e reconstruir a memória utilizando o princípio da sustentabilidade: é preciso preservar. E a melhor maneira de preservar é utilizando meios de defesa, por isso a construção de uma cartilha, cuja proposta é resgatar as origens de nossa cidade, de nosso povo, do nosso patrimônio, de forma a mantê-la na memória coletiva do povo do Cariri, para que as gerações presentes e futuras valorizem o saber dos que construíram esse ambiente e desenvolvessem o sentimento de pertencimento ao seu local de origem.

Adriana Meira Vital
Professora da UFCG - CDSA

INTRODUÇÃO

Esta publicação é fruto da colheita de várias experiências de professores e alunos da Escola Agrícola de Sumé que assumiram uma atitude de cuidado para com o Município, quando se propuseram a levantar dados históricos e conhecer fatos e acontecimentos que marcaram a construção da cidade, a formação de sua gente, de seus costumes, de seus valores, acreditando que, como diz um provérbio africano, “muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudará a face da terra”.

A construção dessa cartilha de nossa cidade é resultado de uma composição de recortes de existências, recortes de milhares de vozes, sons e imagens – recortes de memória viva que compartilhamos com todos, com amor!

Você conhece nossa cidade? Já parou para olhá-la ao nascer do sol? Já contemplou a lua, sentado num banco da praça principal? Tem observado como a cidade tem mudado? Há postes de iluminação, asfalto, ruas, praças, comércio, carros em constante movimento, pessoas indo e vindo...

E a nossa história, a história de nossa gente, da formação de nossa cidade, você conhece? Será que tudo foi sempre assim? Claro que não! Nossa cidade já foi muito diferente do que é hoje; e continua mudando! Quer vê só?

Adriana Meira Vital
Professora da UFCG - CDSA

SUMÉ EM VERSO: ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O município de Sumé tem uma grande extensão
800km² e uma grande população
Que ocupa esse espaço
E valoriza o seu chão

Cortado pela BR 412, em meio à depressão
Sumé foi construída para receber uma população
Em 1º de abril do ano 51
Houve sua emancipação

Tem como rio principal, o rio Sucuru
Que nasce nas cordilheiras dos Cariris Velhos
Na cidade de Ouro Velho, pras bandas do Pajeú
Sendo interrompido pelo Açude Sumé

Seu principal afluente Riacho Pedra Comprida
Cortado em meio às serras, caindo no Boqueirão
Que hoje é só esgoto, sua água está perdida
Prejudicando a saúde de toda população

No ano 57 do açude a construção
E o perímetro irrigado era mais valorizado
O povo todo empregado
Era grande a população

Tomate, pimentão e até mesmo algodão
O comércio não comportava
A sobra era exportada
Para outra região

A Caatinga densa é sua vegetação
O seu clima é semiárido típico de um sertão
E sua variedade enriquece a região
Que por ter um clima quente favorece a criação

Assim como xiquexique, mandacaru, macambira
Conservam os seus espinhos
O angico, babosa, umbuzeiro, pinhão roxo e facheiro
Cipó gordo, mororó, jurema preta, marmeleiro
Que perfumam suas terras exibindo o seu cheiro

Sem falar no mulungu, baraúna e craibera
Cedro, umburana de cheiro e quixabeira
Que estão em extinção
Por causa das derrubadas para o corte do carvão

Com vista à recuperação do solo e o reflorestamento
A algaroba hoje é tida como praga regional
E seu controle nativo causa o desmatamento
Agravando ainda mais o problema ambiental

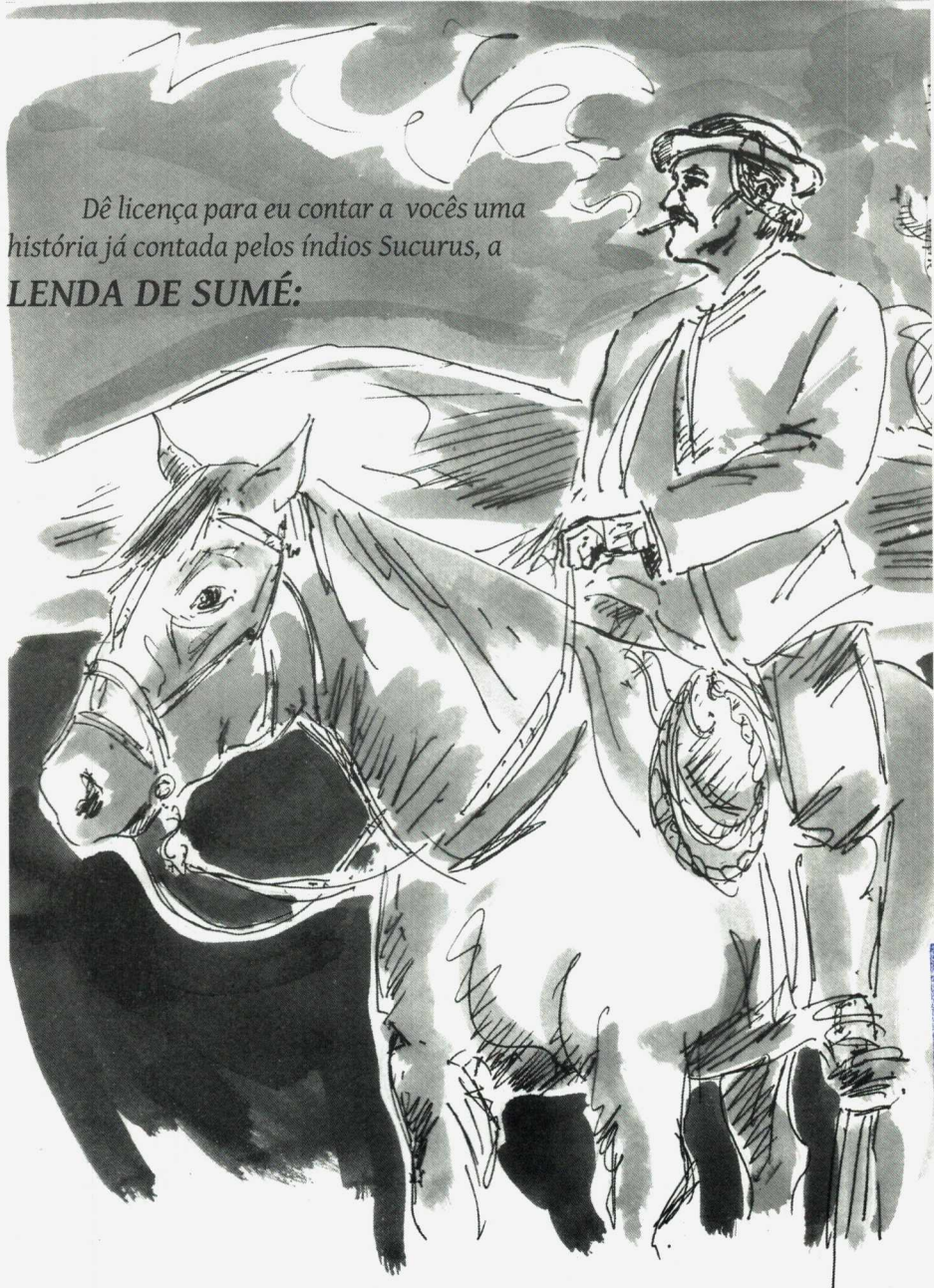
Falando um pouco das aves podemos assim dizer
Galo de campina, jurutis, rolinhas e asa branca
Rouxinol, periquitos, canários querem viver
Alguns deles quase extintos ficaram só na lembrança

Já tivemos os xexéus, craunos e o canção
Lavadeiras, papagaios, bentevis e o carão
Que enfeitavam a paisagem junto com o gavião
Aves já quase extintas dessa nossa região

Vou ficando por aqui, desse tempo só saudade
Precisamos preservar as paisagens da cidade
Trabalhando todos juntos por essa diversidade
Vivemos com qualidade.

Clara Lucivania da Silva
Mãe de Aluno

Dê licença para eu contar a vocês uma
história já contada pelos índios Sucurus, a
LENDA DE SUMÉ:



UFGG - BIBLIOTECA

Misteriosamente, chegou entre os índios Tupis, um homem branco de cabelos longos e alvos, como flocos de algodão. Tinha olhos azuis da cor do céu, cintilantes, provocando reflexos sobre a barba limpa, abundante.

O Brasil ainda não havia sido descoberto. O homem misterioso ficou entre os indígenas, ensinava a cortar a terra, o bem combatendo o mal, indicando os vales, as terras férteis. A sobrevivência do índio importava-lhe tanto, que os instruiu para a produção de alimentos e para a organização da sociedade, definindo preceitos para formação da família.

Ao lado do deus Tupã, Sumé era o deus da agricultura, da bonança. Cheio de segredos surgia entre as tribos de sul a norte, deixando visões deslumbrantes quando pairava sobre as águas do oceano ou caminhava sobre as ondas.

Sumé encontrou as tribos errantes e rudes às margens das lagoas e lagos. Organizando-se, protegendo-as contra os insetos, ensinou o extrativismo das plantas oleaginosas para preparação de unguentos, uma forma de proteção à pele cabocla. Fez o índio entender a importância do abrigo às mulheres e às crianças. Estendeu o braço em direção ao leste e mostrou aos seus protegidos que seguissem essa direção. O deus estava na lagoa de Maracaibo. Acrescentou em prece e deu um sinal que existiam terras boas também ao nascente. Como por encanto, desapareceu voltando a seu ponto de partida.

Numa manhã de muito sol, o oceano bramia. Ao acalmarem-se as ondas, os índios viram o Homem Branco resplandecente. Alegraram-se, mas notaram a seriedade do semblante do seu deus. Compreenderam que não estava em estado de graça, seriam repreendidos. Ao sinal do chefe, recolheram e a espera da costumeira doutrinação. Sumé descreveu para os indígenas os castigos a que seriam submetidos se continuassem a formar mais de uma família, se continuassem a po-

ligamia e provocassem a antropofagia. Os índios ficaram enfurecidos contra seu deus, que proibia seus gostos, seus rituais, suas comemorações.

Sumé respondeu-lhe num gesto: será dividida a grande nação Tupi; homens de outras terras os tornarão escravos. Suas terras serão tomadas em grandes guerras. Suas famílias abatidas. Suas mulheres serão castigadas. Sobreviverão aqueles que procurarem o nascer do sol.

Os índios ouviram seu deus. Quiseram matá-lo a flechadas, inutilmente. Todas as flechas atiradas em direção ao corpo dele desapareciam no ar em dóceis assobios, enquanto Sumé desaparecia serenamente em direção ao oceano. As tribos sentiram um frio terrível e olhando o deus que se afastava, o viram caminhando a largos passos sobre ondas calmas como se o transportassem protegido para o destino escolhido. O cacique entendeu que seu deus fugia do mal.

As tribos ficaram com verdadeiro sentimento de culpa e sentiram-se desprotegidas. O homem branco, em suas doutrinações, advertia de que um dia, não muito longe, ocuparia o lugar em que os protetores dos silvícolas tentassem salvá-los. Aquelas terras teriam seus próprios desesperos sacrificando animais para seus cultos e sua alimentação.

Com o descobrimento do Brasil, a lenda correu entre os gentios de todas as tribos. Algumas delas, procuravam nos portugueses a fisiologia do deus da agricultura. Comentavam o aspecto físico daquela gente e desiludiam-se, às barbas longas, mas não eram alvas. Não dominavam as águas, não mudavam o clima, as ondas não obedeciam-lhes. Entenderam que a ira de Sumé os atingira. Chegaram os homens de outras terras. Robusteceram-se então, do princípio que tinham traçado, viviam nas terras do nascer do Sol.

Os índios Sucurus não só habitaram nossa região, mas, aqui, fixaram-se. Eram da raça Cariri, grande nação indígena que habitou a parte do Ceará dando seu nome a suas regiões: Cariris Velhos e Cariris

Novos. Essa classificação deve-se ao nível de desenvolvimento cultural da grande nação, que, segundo alguns estudiosos, foi dominante na lagoa de Maracaibo, na Venezuela, o que, caracteriza o efeito lendário em relação ao deus da agricultura: O deslocamento para as nascentes do Sol.

A tribo Sucuru era, sem dúvida, uma das mais importantes da raça Cariri. Tinha por capitão-mor Sebastião da Silva. Esses índios foram encarregados de conter os Tapuias bravos e revoltados.

Os Sucurus de conhecimento superior, tornaram-se dissidentes dos Cariris na discussão entre terras férteis e potencial de água doce. Perseguidos, estenderam em direção sul e fixaram-se às margens do nosso principal rio, certos de que estavam num grande vale, protegidos pelo mistério de Sumé. O deus deles havia recomendado a procura das cordilheiras, onde pedras os protegeriam dos horrores do tempo e, as furnas, serviriam-lhes de moradas. o deus da agricultura considerava inóspita a construção típica indígena, visto que, aqui, já se encontravam estabelecidos fazendeiros criadores de gado. Assim, os Sucurus sentiram-se colossalmente instalados, pois nossa serra servia-lhes de sentinela e ausculta, era abundante em água doce, pela quantidade de tanques; encontraram próximo ao serrote uma população rara de roedores (mocós) principalmente, e uma furna para recolhimento do Pajé. Esse serrote ficou conhecido por longa data como Sacrário dos Sucurus. Os caçadores o abominaram nos transmitido as “mal assombrações” com as quais eram assaltados quando tinham que entrar na furna e recolher suas caças.

Estavam assim entendidos, os mistérios dos valentes Sucurus e desvendado a terra promissora citada por Sumé, que em língua indígena, significa Personagem Misteriosa que pratica o bem e ensina a cultivar a terra.

De acordo com o que aparece descrito em lenda entre o gentio, o espírito dos catequizadores o identifica com São Tomé.

HISTÓRIA

A povoação de São Tomé deu origem ao município de Sumé. Teve início com a chegada dos colonos atraídos pela facilidade da instalação de fazendas de gado, aproveitando um trabalho já existente realizado pelos índios sucurus.

Os sucurus, numerosos e valentes, foram, por esses atributos, chamados para a defesa da colônia portuguesa. O fato se deu em reconhecimento da Sesmaria de Pedra Comprida, em 1718.

Até 1815, essas terras tiveram suas datas como pertencentes aos fazendeiros de gado, Manoel Tavares Baia e Manoel Augusto de Araújo. Porém, comprovado ficou que pertenceram ao Coronel Manoel de Araújo Carvalho, numa das extensões do maior latifúndio da época – A casa da Torre – Bahia.

O lançamento da pedra fundamental da capela foi no ano de 1819, sendo a mesma ampliada em 1868. Para a fixação do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Sesmaria, por devoção dos seus proprietários, coube ao senhor Luís José de Albuquerque Vasconcelos e sua mulher fazerem doação das terras onde hoje está a sede do município de Sumé.

A Divisão Administrativa do Brasil, de 1911, integrou ao Município de Alagoa do Monteiro, o Distrito de São Tomé. Em 1943, o distrito de São Tomé passou a denominar-se Sumé.

Elevado à categoria de município com a denominação de Sumé, pela lei estadual nº 513, de 0811-1951, desmembrado de Monteiro.

Já em 1952, é criado o distrito de Amparo, ex-povoado, e anexado ao município de Sumé. Nove anos depois, em 1961, é criado o distrito de Pio X e anexado ao município de Sumé.

Somente em 1994, há o desmembramento entre o município de Sumé e o distrito de Amparo, elevado à categoria de município.



GEOGRAFIA

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

O Município de Sumé tem uma área de 864 km, representando 1,53% da área do estado e está localizado na Microrregião dos Cariris Velhos, Centro do Estado da Paraíba, numa altitude média de 533 m, com a seguinte posição geográfica: 7° 40' 13" latitude sul, 36° 52' 58" longitude oeste. O fuso horário em relação à Greenwich é -03:00 h (menos três horas).

Têm como municípios limítrofes ao norte São José dos Cordeiros e Itapetim - PE; ao sul Camalaú e Monteiro; à leste Serra Branca e Congo; E à oeste Ouro Velho, Prata e Monteiro.

DISTRITO DE PIO X

O Distrito de Pio X foi instalado em uma área da propriedade Bananeira, doada para a formação de uma nova comunidade rural pelo seu proprietário Heretiano Zenaide, cuja única exigência feita é que fosse a localidade denominada Pio X. Com solos propícios à cultura da mandioca, já teve em sua área muitas de casas de farinha.

O Distrito de Pio X conta, atualmente, com serviços de água, eletricidade, assistência médico-odontológica, atendimento hospitalar e educacional.

CLIMA

Localizada na região do Alto Rio Paraíba, inserida no Polígono das Secas, a área possui um clima do tipo semiárido quente, com chuvas de verão. Esse clima caracteriza-se pela insuficiência das precipitações e temperaturas elevadas que ocasionam acentuada evaporação, principalmente no período seco que é de junho à janeiro, cujas características são as baixas precipitações nulas.



A temperatura média é em torno de 24° C com o máximo em novembro e dezembro, e a mínima, em julho e agosto. A umidade varia de acordo com as estações: máxima, na época seca (outubro e novembro). Os ventos são fracos com maior velocidade média, no período seco. A evaporação é bastante variável e a insolação atinge o total médio anual de 2.800 horas com 8,5 h/d, de setembro à dezembro, sendo a menor duração média de 6,5 h/d. A estação das chuvas ou inverno é reduzida praticamente, aos meses de fevereiro, março, abril e maio, os meses de maiores precipitações pluviométricas.

VEGETAÇÃO

A vegetação é constituída pela caatinga xerófitica, comum do sertão nordestino, sendo representada por Bromeliáceas e Cactáceas, conhecidas popularmente como macambira, marmeleiro, umburana, catingueiro, xique-xique, facheiro, jurema etc. As árvores de médio porte são encontradas ao longo dos riachos e rios, devido à maior umidade destes locais.

SOLOS

Na denominação nacional, atende pela abreviação 2b subdesértico quente de tendência tropical. Solo e subsolo de baixa permeabilidade.

Formação geológica: Arqueozóico: complexo gnáissio, minigmático e granodiorito; rochas vulcânicas e plutônicas (idades diversas); granitos.

ASPECTOS MINERAIS E VEGETAIS

Existem, no município, reservas de apatita, ainda não exploradas e, argila, explorada por processos rudimentares, empregada largamente, na fabricação de tijolos e telha tipo canal, atendendo ao mercado de material de construção e oferecendo ocupação para mão de obra não qualificada.

A exploração da argila gera outro tipo de ocupação para tradicional “louceira”, com o fabrico manual de utensílios de barro para o uso doméstico: vasos decorativos e artesanato.

Há também, no município, elevada ocorrência de rochas graníticas, empregadas em pavimentação e ornamentação.

O município detém reservas vegetais que estão sendo consumidas paulatinamente, pelos fornos e caldeiras ou para fabricação de carvão por processos rudimentares. Mas existem ainda áreas preservadas, a exemplo da Fazenda Almas.



ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

De acordo com o IBGE: população 16.072 pessoas (Censo populacional 2010); área da unidade territorial 838 Km²; densidade demográfica 17,4 hab/km²; 11.552 eleitores (em 2006); PIB per capita 3.917,53 Reais (2008); O IDH atual é 0,658.

SAÚDE

Temos o Hospital e Maternidade Alice da Almeida, Unidades Básicas de Saúde, o Programa Saúde da Família (PSF) e o Centro de Especialidade Odontológicas.

É a sede do CISCO - Consórcio Intermunicipal de Saúde do Cariri Paraibano, oferecendo atendimento de medicina especializada para toda a região. Possui ainda um Centro Oftalmológico que é referência estadual.

AÇÃO SOCIAL

A Secretaria de Ação social desenvolve o projeto De Olho no Futuro, que integra as ações do CRAS, Pró-jovem adolescente e PETI, frutos de parcerias com o Ministério do Desenvolvimento Social.

Estão ligados a essa pasta o CREAS, o telecentro comunitário, o Programa Bolsa Família, a prestação de benefícios eventuais e o Piso Básico de transição (que apoia a 3a idade os recém-nascidos).

A Ação Social participa ainda dos conselhos setoriais e apoia o Conselho Tutelar e as associações comunitárias.

EDUCAÇÃO

No Município de Sumé, destaca-se a Escola Agrotécnica de Sumé, mantida com fundos exclusivos da Prefeitura Municipal de Sumé. Está

situada no Bairro Frei Damião, inaugurada em 1998, atendendo ao Ensino Fundamental Agrotécnico do 6º ao 9º ano e, em 2007, contou com cerca de 300 alunos, nos períodos da manhã e tarde. O seu quadro de docência conta com 22 professores e 27 funcionários. A Escola possui unidades de Caprinocultura, Suinocultura, Cunicultura, Avicultura, Psicultura, Horticultura, Fruticultura, Grandes Culturas, Viveiro de Mudanças, Estufa e Plantas Fitoterápicas, além da criação de animais nativos da fauna nordestina, cuja finalidade é o repovoamento destas espécies nas propriedades rurais.

Além da Escola Agrotécnica, funcionam na sede do município as seguintes unidades: Creche Rita Cipriano, UMEIEF Neco Soares, UMEIEF Irineu Severo de Macêdo, UMEIEF Maria Leite Rafael, UMEIEF Gonçalves Rodrigues de Freitas.

Na zona rural funcionam nove escolas municipais: UMEIF Hugo Santa Cruz, UMEIF Sen. Paulo Guerra, UMEIF João de Sousa, UMEIF Profº José Gonçalves de Queiroz, UMEIF Manoel Inácio, UMEIF Rodolfo Santa Cruz, UMEIF Luis Mariano de Araújo, UMEIF Marcolino de Freitas Barros e UMEIF Maria do Carmo Freitas de Moura.

Já na rede estadual, as principais unidades são as escolas Pe. Paulo, Desembargador Feitosa Ventura e, o colégio José Gonçalves de Queiroz.

Em 2008, o município conquistou a implantação de um campus da Universidade Federal de Campina Grande, o Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – Campus Sumé. Atualmente são oferecidos os cursos de Graduação de Licenciatura em Ciências Sociais, Licenciatura em Educação do Campo, Tecnólogo em Gestão Pública, Engenharia de Biosistemas, Engenharia de Biotecnologia e Bioprocessos, Engenharia de Produção e Tecnólogo em Agroecologia.



CULTURA

Por José Romério Soares Brito

Na história de Sumé - seja recente ou mais remota - é perceptível a forte presença da sua cultura, seja expressa em forma de artes plásticas ou cênicas, danças, culinária, esporte e tudo mais que possam apresentar as manifestações artísticas, intelectuais e espirituais do povo sumeense.

Os sumeenses mais antigos recordam que o “palco” principal para as apresentações culturais era sempre a “Rua da Lama”, onde se instalaram os primeiros moradores da vila. Lá, se realizavam desde os bailes sociais, até os cocos de roda, pastoris e sambas.

Ainda quando vila (Vila de São Tomé dos Sucurus), várias foram as manifestações culturais que marcaram época, como o Pastoril de Olindina, cuja finalidade era comemorar os festejos natalinos, formado por senhoritas de finos tratos, belos rostos e vozes da sociedade local. Por vários anos o pastoril manteve a tradição das festas de Natal. Havia também, nas festas da Padroeira, os saudosos cordões azuis e vermelhos ou “encarnados” - como se chamava na época - que era uma disputa divertida e salutar, tanto no pavilhão da festa, como nas festas de cavahada ou argolinhas. Nessa linha do tempo, encontramos também as obras feitas pelas mãos dos mestres Manoel Crispim e Miguel Guilherme. Temos ainda, como manifestação da nossa cultura, os já quase centenários: Sociedade Filarmônica São Tomé (de 1926), hoje, Filarmônica Maestro Antonio Josué de Lima e o São Tomé Esporte Clube (fundado em setembro de 1925).

Veremos a partir de agora, algumas das principais expressões da cultura sumeense:

ARTES PLÁSTICAS

Miguel Guilherme dos Santos – Pintor, escultor e poeta. Era autodidata e representa o maior nome nas artes plásticas do cariri;

Luiz Gomes de Holanda “amigo” e “Seu Bento” – escultores em madeira;

Zitart’s – Iniciativa do professor Zito Jr., a Associação Zitartes de Sumé, nos últimos 2 anos, tem trabalhado com crianças e jovens carentes, desenvolvendo oficinas nas áreas das artes plásticas e cênicas.

ARTES CÊNICAS

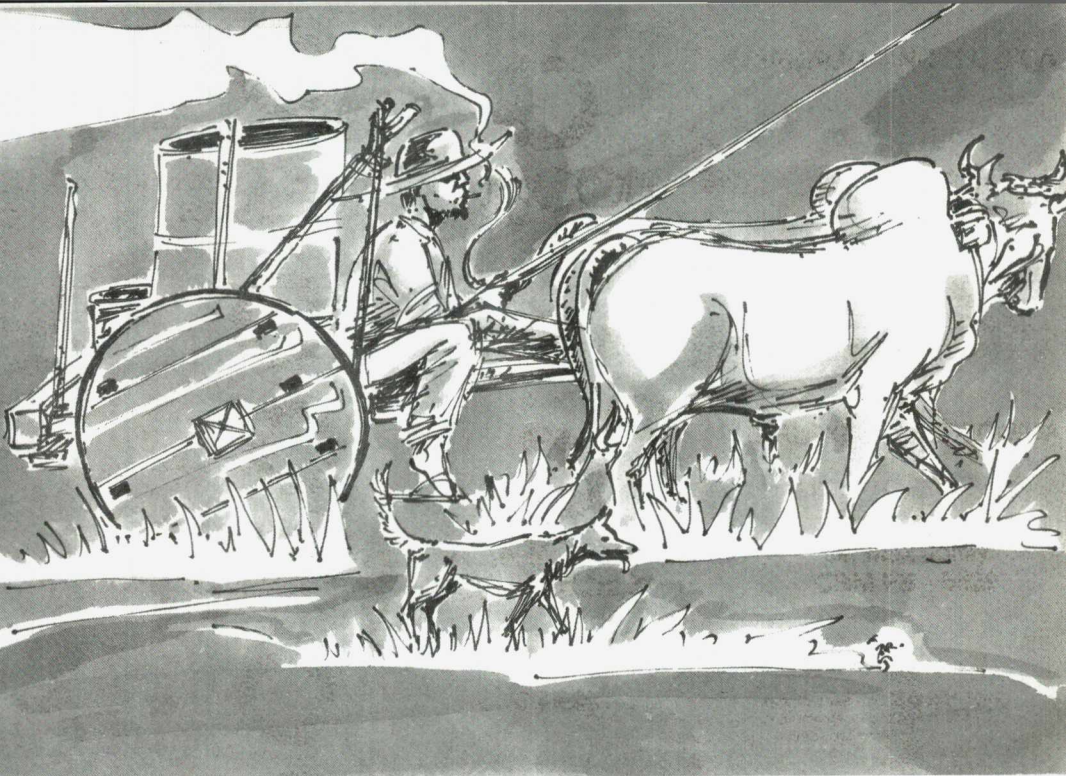
Nos anos 40 e 50 do Século passado, foi mantido um grupo teatral formado nas escolas públicas e particulares do município, tendo como responsáveis a professora Stela de Araújo, Adalgisa Jacinto de Oliveira e o artista Miguel Guilherme dos Santos. Também contribuíram o maestro Antonio Josué de Lima, Sandoval Josué de Lima e Inácio Jacinto de Oliveira;

Gincana Cultural/83 – Descubra a Paraíba - Surge o Grupo Anchieta, com a proposta de fortalecer as atividades teatrais;

Nos anos 90, surge O Ciclo Teatro de Sumé, após uma oficina de Iniciação Teatral ministrada pelo professor, poeta e teatrólogo Zito Jr.. Desde então o Cicloteatro não parou, apesar das constantes mudanças no grupo, que agora também trabalham o Teatro de Mamulengo e Pernas de Pau.

ARTES RUPESTRES

Existe grande quantidade de sítios rupestres na região do Cariri Ocidental, na qual, está inserido o município de Sumé. Infelizmente, são



raros os estudos e publicações sobre o assunto. Em Sumé, estão catalogadas como pinturas, as inscrições, nos Sítios Balanço e Fazenda Pedra Comprida e, como gravuras, no Sítio Olho D'água do Padre.

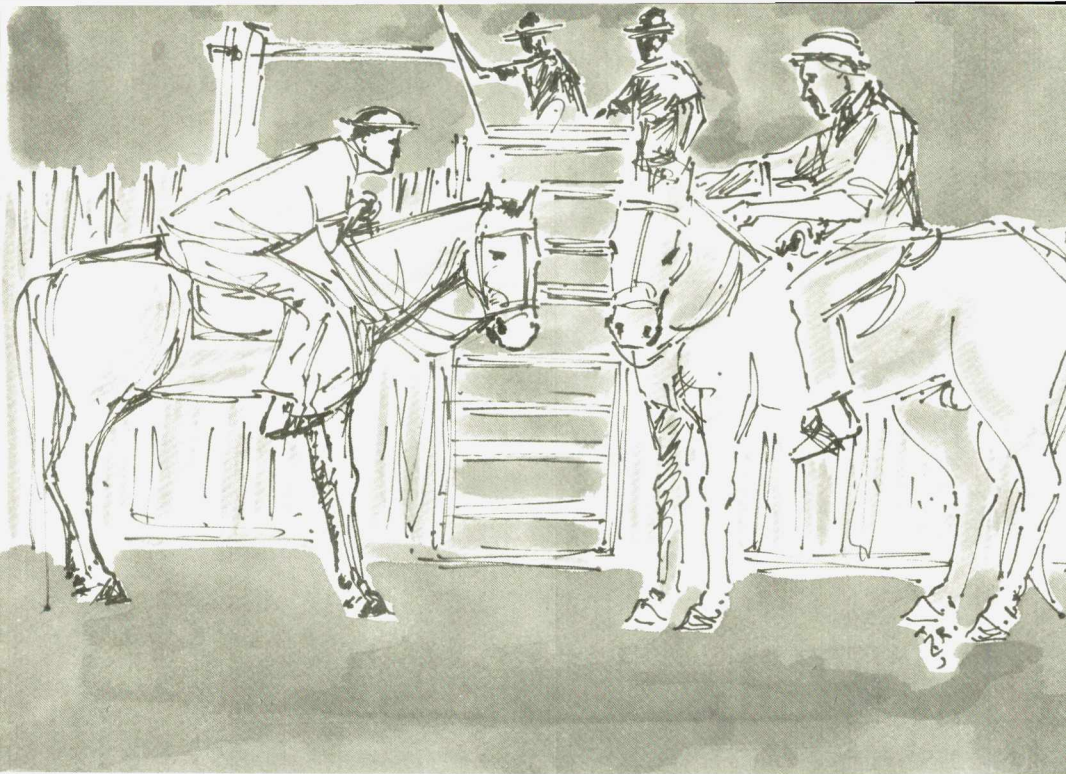
DANÇAS

Pastoril de Olindina- no qual Raimundo Sabiá fazia o véio;

Côco de Roda – Tivemos vários grupos organizados por: João Preto, Pedro Firmino, Sinhozinho Viana, Antonio Cassimiro, Diva, Joana Preta, entre outros;

Grupo Sala de Reboco - Sob o comando do professor Duda Me-deiros;

Grupo de Capoeira Nação Regional – projeto cultural desenvolvido pelo professor Massixte;



ESPORTES

O representante mais significativo do esporte no município é o futebol, tendo o São Tomé Esporte Club, fundado em 1925 como principal equipe, porém outras equipes surgiram como: o São Paulo de Zé Gabriel, o Varzeano, entre outros.

O município conta também, com praticantes de outras modalidades esportivas como: futsal, voleibol de quadra e de areia, xadrez, tênis de mesa e vaquejada.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Sumé conta com repetidoras dos principais canais de televisão aberta; serviços de telefonia fixa (cujo DDD é 83 e o prefixo 3353); telefonia móvel (operadoras Tim e Claro); Internet; Rádios (Rádio Cidade AM e Rádio Comunitária Alternativa FM);

Jornal de Poesias Cabeça de Rato - publicação mensal, realiza intercâmbio entre escritores e poetas do Cariri paraibano e das regiões pernambucanas do Moxotó e Pajeú, divulgando a cultura regional.

Autores sumeenses – Já publicaram livros os sumeenses: Daniel Duarte; Wellington Pereira; Rita Albino Rafael; Sonielson Juvino; Bernadete Bezerra; Jacquelline Oliveira; Zito Jr.; Luizinho Batista; Socorro Silva, entre outros.

MÚSICA

A mais tradicional expressão da música sumeense é a Filarmônica Maestro Antonio Josué de Lima (antiga Sociedade Filarmônica São Tomé), criada em 1926 ou 1927 e que ainda está em atividade.

Rendemos também justa homenagem ao compositor Zé Marcolino, que nos deixou clássicos do forró como: Sala de reboco, fazenda Cacimba Nova, Pássaro carão, entre outras.

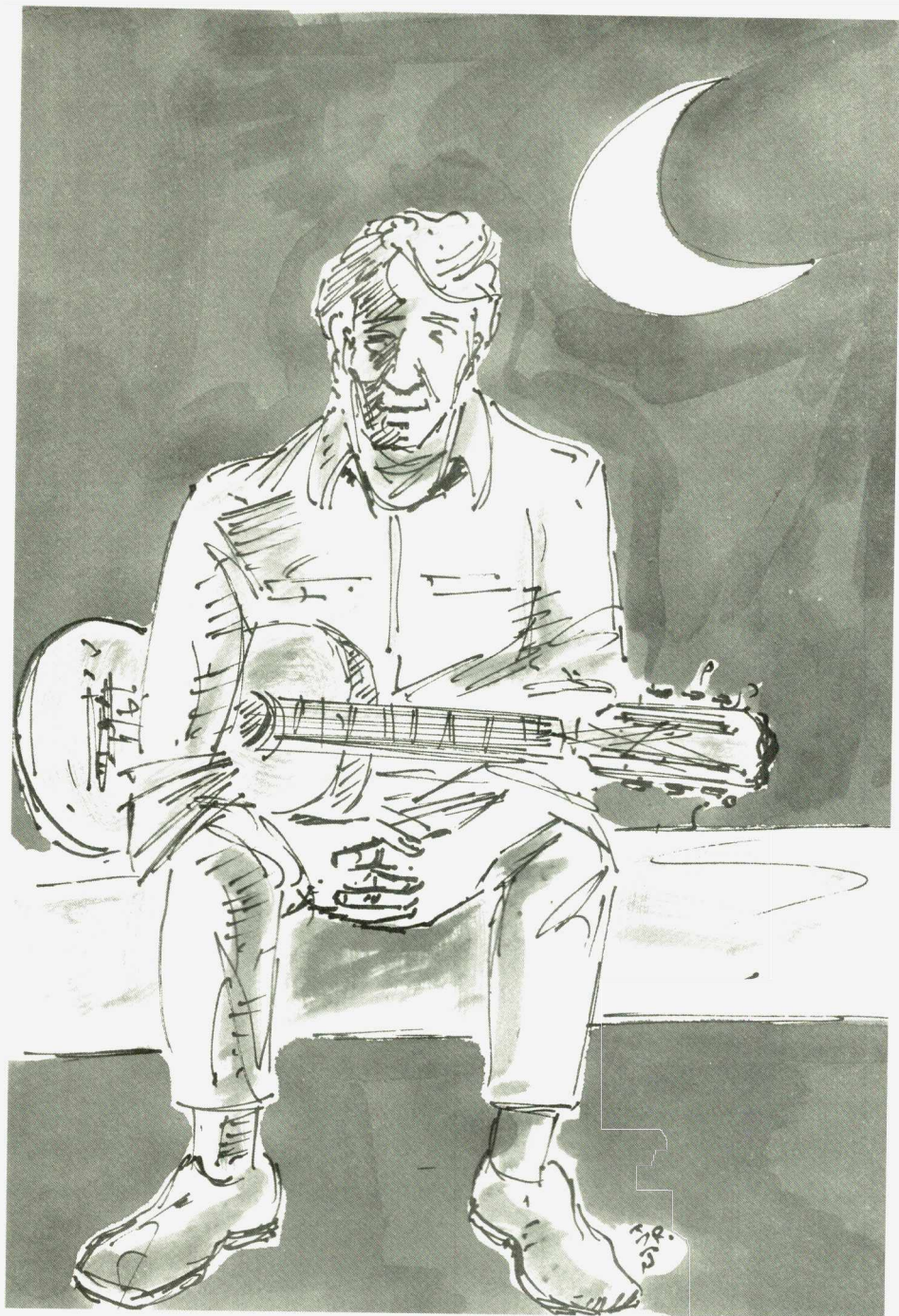
Também participam da cena musical: banda Forró Kent; banda Imagem; Ladja Betânia; Luiz Carlos (lulinha); Zé da sanfona; Hamilton (Sumé); Cláudio Leola (mosquito), além de outras boas bandas de forró pé-de-serra.

POESIA

A poesia popular de Sumé tem como evidência, dois grandes poetas: Manoel Clementino Leite e João Batista Bernardo (João Furiba). Também temos os poetas populares: Luizinho Batista, Vicente Bernardo, Manoel Cacheador, Zito Jr., Eugênio Macedo, Evaldo Severino, Jurandir Tembório, Gato velho, Gato Novo, José Soares, Zé Pinheiro, entre vários outros.

COMIDAS

O sumeense não esquece os sabores da beira-seca de dona Sinhá Peba; O puxa-puxa de Pretinha Jacinto; a tapioca de Maria de Norberto; o doce de leite de dona Neném, as chupetas de Joaninha e os doces de fofa de umbu e quebra-queixo na feira, a “panela mágica” do bar de Darcílio. Atualmente, a galinha do bar do Pitaco, o picadinho nos hotéis do mercado.



ORIGEM DE ALGUMAS COMUNIDADES RURAIS

PITOMBEIRA: O Sítio Pitombeira foi fundado no ano de 1978 e recebeu esse nome porque, antigamente, lá, só havia plantações de pitombas e florestas. Seu primeiro morador foi Reinaldo Brito da Silva.

ENGENHO VELHO: O Sítio Engenho Velho teve origem em 1890. Recebeu esse nome devido à existência de um engenho muito antigo, no referido local. Seus primeiros moradores foram Gerônimo Rodrigues da Costa e sua esposa Sercundina Maria de Farias. Juntos, eles tiveram 13 filhos. Eram donos de grandes rebanhos de ovinos, eqüinos, bovinos e avicultura.

RIACHÃO: A origem do Sítio Riachão vem de uma barragem que existia no Sítio. Quando a barragem transbordava tornava-se um grande riacho, daí surgiu o nome Riachão. O primeiro morador do Sítio foi Hugo Santa Cruz.

OLHO D'ÁGUA DO PADRE: O Sítio Olho D'água do Padre recebeu esse nome porque teve uma época em que a seca era muito grande e os padres andavam a pé ou a cavalo. Um certo dia, um desses padres chegou em uma casa e pediu água. A dona da casa lhe respondeu que não tinha água. O padre, então, olhou para o chão e disse: "aqui vai dar água." Ele começou a cavar o chão e, rapidamente, formou-se uma poça d'água. Os moradores aprofundaram mais o poço e, até hoje, essa fonte existe. Ela nunca seca, nem mesmo na seca. Teve como seus primeiros moradores: Manoel Valdino Velho, Francisco, João do gás, Miguel de Jesus e Raulino.

POÇO ESCURO: Segundo informações, existia um poço de grande profundidade com água de cor escura. A partir daí, surgiu o nome Poço

UNIC - BELÉM

Escuro. Teve como primeiros moradores, a família Simões. O chefe da família era o Sr. Lourenço Simões.

TERRA VERMELHA: O Sítio Terra Vermelha tem esse nome porque a maior parte das suas terras é vermelha. Seu primeiro morador chamava-se Daniel Correia.

RIACHO DA ROÇA: O Sítio Riacho da Roça tem esse nome porque as pessoas plantavam muito milho e feijão, formando-se roças que se localizavam em propriedades que eram cortadas por riachos. O primeiro morador e fundador do Sítio foi Augusto Santa Cruz.

CARNAÚBA: Esse Sítio tem este nome porque naquela época, lá, existiam muitos pés de carnaúba. Seu primeiro morador, foi o Coronel João Santa Cruz.

CARNAÚBA DE CIMA: Essa comunidade rural recebeu este nome porque o seu primeiro morador – Major Napoleão Santa Cruz – estava passeando pelo sítio quando viu uma árvore denominada carnaúba e, então resolveu “batizar” o lugar com o mesmo nome.

JUREMA: Primeiramente, o Sítio chamava-se Recanto, mas houve uma mudança e passou a chamar-se Sítio Jurema. Deram-lhe esse nome em virtude de uma plantação muito grande de jurema, existente naquela localidade, inclusive, existia uma árvore que se destacava, pois era maior do que as outras. O primeiro morador do referido lugar, foi o Senhor Cazuza de Souza.

ALBERTAS: Em 1912, surgiu o Sítio Albertas. Ele tem esse nome por causa do sobrenome de seu primeiro morador que se chamava Antônio Vieira Albertas.

MACAMBIRA: O Sítio Macambira recebeu esse nome porque tem muita macambira por quase todos os lugares, principalmente, em cima dos lajeiros. Seu primeiro morador se chamava Izaias de Souza.





Hino Oficial do Município de Sumé

Autoria: Maria do Socorro Silva Música: Antônio Bezerra da Silva

Deste “Berço de heroísmo”
Com denodo e esperança
Cheio de patriotismo
Sumé, coragem e pujança
Surgistes com altruísmo
De braços dados com a bonança
Cobrindo tua gente de lirismo

Dos teus caminhos
Onde andavam os Sucurus
Bravo povo altaneiro
Levantou a sua voz
Erguendo sua bandeira
quebrando velhos tabus
Abraçou a sua sorte
Começando a andar sós

Estrilho

Sumé, é grande a tua glória
Foi dito quando estavas a surgir
Venceste e cantamos tua vitória
Agora confiamos no teu porvir

Somos nós, herdeiros desses heróis
Quem haveremos de elevar teu nobre nome
Envolvendo com ternura tuas serras
Onde o sol nasce e adormece nos lençóis
Das brancas águas que irrigam tuas terras
E espelham teus bonitos arrebóis.